

pautas lesbianas
consentimento

com sentimento
subjetividades

diálogo

sexo



lésbicas

em defesa do
sexo não-fascista

consentimento

substantivo masculino

- (1) manifestação favorável a que (alguém) faça (algo); permissão, licença. "ela se casou sem o consentimento da família tradicional burguesa"
- (2) manifestação de que se aprova (algo); anuência, aquiescência, concordância. "a artista deu consentimento para exibição da obra"
- (3) condescendência. "ela consentiu a presença da ex em seu aniversário"
- (4) uniformidade de opiniões, concordância de declarações, acordo de vontade das partes para

préfácil, prédifícil

Esse é um dos zines mais difíceis que já escrevi. Ele é difícil porque as reflexões que levaram a sua produção são resultados diretos de abusos e violências contra mim diretamente perpetradas ou - nos casos em que atingiram terceiras - vivenciadas. É difícil porque ele inicia em um terreno perigoso, onde a própria construção da "mulher" é colocada em xeque.

Há uma crença coletiva de que mulheres possuem uma bondade inata. De que há ausência de maldade em seus seres. Afinal, a Guerra é masculina, as armas são extensões do falo e a natureza é a mãe destruída pelo homem. Se o que você procura é um texto que desmascare isso ao exibir a contradição de que mulheres também podem causar o mal, este **não** é um bom periódico de leitura. Eu não possuo como objetivo primário, nem secundário, a intenção de fornecer um material que permita classificar alguma mulher como ruim ou abusiva. Se você o fizer, favor não me cite como referência, esse é um claro: não-consentimento.

quem cala consente (?)

É preciso romper o mito-modo de funcionamento do sexo enquanto resultante de um conjunto de sinais e gestos que manifestam o desejo. O desejo precisa sair do campo das expressões físicas, das demonstrações corpóreas, para passar ao campo da palavra, do dito e do racionalizado.

Vivemos em um mundo onde mulheres são estupradas e seus algozes buscam ter seus atos justificados afirmando:

"ela queria, ela estava com uma saia curta"

"ela queria, ela me chamou para entrar em sua casa"

"eu não tenho culpa, porque ela queria!"

"ela desejava, eu sei que sim porque seus gestos me diziam isso, ela usava um batom vermelho, toda mulher que usa batom vermelho quer transar, esta em busca de um homem, está disponível"

"ela disse que não, mas não pareceu que ela não queria"

Por vezes o prazer masculino é construído nessa própria contradição por eles inventada. O homem se excita nessa suposição de que não há relação entre o que foi dito e o que se deseja, se excita também com impor o desejo a mulher, com o fato de saber que ela não quer mas pelas sua ação "fazê-la querer". Essa construção é o que rege os roteiros de filmes pornográficos.

Quando abrimos mão de "falar o sexo", falar sobre o sexo, consentir com palavras altas e claras, deixamos nossa vida sexual percorrer o caminho perigoso e turvo das interpretações. Um caminho que não foi por nós inventado.

Se os homens fazem *sexo-instinto*, rogo para que nós mulheres que amam mulheres façamos:

sexo-verbo

sexo-dito

sexo-discurso.

Nosso ato sexual deve começar aí. Começar na palavra. No diálogo. No consenso-dito de ambas as partes. Apenas por intermédio da conversa sincera uma com a outra permitimos o alcance de nossa subjetividade, nosso interior. Só a partir daí conhecemos os significados e o mundo uma da outra. E eu defendo que quanto mais soubermos sobre essas subjetividades mais o sexo será libertador e transgressor para nós. Mais proveitoso e em consonância com todas as facetas éticas de uma vida feminista anti-capitalista lesbiana.

Quem cala **não** consente. Apenas quem fala consente... ou não-consente. Para internalizar isto é necessário uma mudança radical nas estruturas de pensar e agir. Aderir essa consciência é aderir o compromisso não apenas de comunicar seu desejo e vontade, mas aderir também o compromisso de criar contextos de comunicação. Contextos que convidem as mulheres a falar abertamente sobre os desejos e sua realização.

É preciso **DESINTERDITAR** o verbo sexual. Revela-lo e tira-lo de sua profunda obscuridade. Fomentar canais de diálogo, naturalizar as *falas sobre sexo*.

DESBANALIZAR o sexo é urgente. Lésbicas falam sobre sexo, não falar nunca foi o problema real de nossa classe, mas a forma que falamos sobre sexo, por vezes, é profundamente despropositada e grosseira.

É preciso colocar o sexo em perspectiva, **LOCALIZAR** o sexo em seu contexto exterior e interior para cada uma. Para mulheres que desempenham relações não-monogâmicas isso possui desdobramentos ainda maiores e desproporcionais.

como gozar pela boca?

Eu tenho plena consciência de que proponho algo que subverte tudo que nos foi ensinado, condicionado e praticado sobre sexo até aqui. Creio também que algumas lésbicas já gozam o sexo no diálogo da palavra em alguns meandros da vida, até porque creio que tal mudança e giro de perspectiva é resultante de reflexões feministas, muitas das quais já fazemos. Não há uma invenção da roda neste texto, há apenas o pedido da aplicação de uma filosofia feminista que de fato emancipe as mulheres em todos os aspectos da vida.

É esperado que não falemos sobre nossos desejos e vontades. Em toda nossa existência nos ensinaram a não falar o que pensamos, antes considerar o pensamento do outro e resguardar nossas imaginações e expectativas a 7 chaves. Por isso, mulheres carregam traços de timidez e insegurança. É preciso primeiro se desvencilhar dessas marcas que a misoginia imprimiu em nossa identidade, para ter coragem de abrir a boca e dizer:

Eu te desejo!

Eu gostaria ir para a cama com você!

Eu gostaria de te beijar!

Eu gostaria de te tocar aqui!

Eu gostaria de te tocar ali!

Eu gostaria de viver uma determinada experiência sexual com você!

Eu possuo uma fantasia!

Mas, alto lá, não dizer por dizer. Não dizer para apenas colocar para fora e cuspir ao mundo aquele desejo livre de culpa. Mas, dizer sabendo que estes ditos estão sempre acompanhados destes outros que busquem saber da outra mulher como ela se sente em relação a eles:

Você me deseja?

Você gostaria de ir para a cama comigo?

Você gostaria de me beijar?

Eu posso? Eu devo?

Eu posso te tocar assim? Você quer ser tocada dessa maneira?

Você gostaria de me tocar daquela forma?

Você gostaria de viver uma determinada experiência sexual comigo?

Você partilha da minha fantasia?

Compreendo que isso nos leva a conversas difíceis. Não queremos ser rejeitadas. Porém, quem pergunta não perguntará por educação, não para cumprir um rito ou uma tabela, perguntará com o anseio de atingir a verdade sobre o sexo. Atingir a verdade do sexo é fundamental para que não se perceba que viveu um sexo fantasia, um sexo fascista que anulou e objetificou a outra ou um sexo que só foi bom para seus próprios interesses.

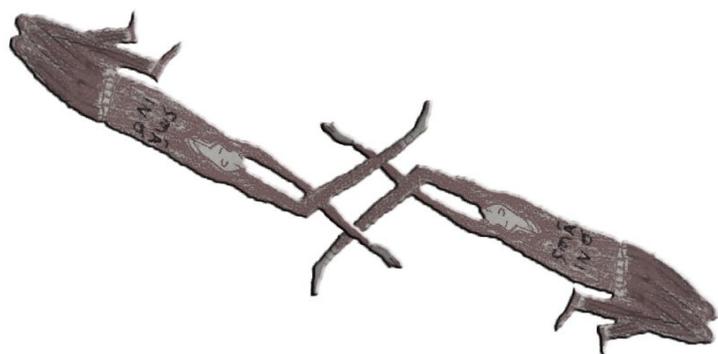
A mulher que pergunta deve estar pronta para ouvir um **NÃO** como resposta. “Aceitar” ouvir um não e até mesmo prefe-

rir ouvir um não, ao revés de viver uma experiência sexual que não foi confortável para ambas as partes, é

**humanizar
a outra mulher
em primeiro lugar
ao invés de
buscar a satisfação
de seus desejos
a todo custo**

Se compreendermos isso, seremos capazes de comemorar todas as vezes que levamos “um fora”. Sairemos felizes todas as vezes que nossos desejos não forem concretizados. Porque ao ouvir um **NÃO** de uma outra mulher teremos plena consciência de que ela é uma mulher que naquele momento tomou posse de algo que sempre foi despossuída: seu próprio corpo. Isto é quase um milagre.

**O “NÃO”
humaniza as mulheres
porque elas afirmam nele
o direito sobre o próprio
corpo e a
coerência interior
entre suas ações e
vontades. Bem como, o
“SIM” humaniza as
mulheres na medida em
que for dito de forma
consciente e não por
pressão social ou
contexto.**



Podemos por vezes achar que estamos sendo ridículas ao perguntar para uma mulher em que já demos uns amassos - a qual nos olhou com desejo nos olhos, a mesma que agora se encontra em nossa casa parada na cozinha bebendo um copo d'água tão excitada que podemos ver sua mente nos

despindo a cada gole: “Você quer ir para cama comigo?”. Vai parecer até piada perguntar sobre algo tão “óbvio”. Mas, não é piada. É o verdadeiro início de uma troca sexual consciente, inteira, entregue e essencialmente lésbica. Não existe desejo óbvio, **não reproduziremos as chaves de leitura masculinas, não leremos sinais para definir desejo.**

Nós lesbianas buscamos o desejo direto na fonte: nós escutamos os lábios.

abuso

Existem muitos tipos e formas de abusos sexuais possíveis entre mulheres. Existem níveis também. Nem os níveis, nem os tipos fazem com que o abuso adquira maior ou menor legitimidade. Um abuso é sempre um abuso. Eu gostaria de falar aqui sobre um dos abusos que mais me ocorreram. Aqueles abusos que vivemos justamente pela falha da comunicação, pelo atropelo, por conta daqueles momentos que alguma mulher previu que você a desejava e por isso se impôs sobre você. Aquele abuso que é indissociável de um contexto de má comunicação e falta de empatia pela outra.

Aqui, não pretendo falar sobre aqueles abusos ditos “absurdos”, aqueles em que somos agarradas do nada ou diretamente forçadas fisicamente a ter relações com alguém, abusos em que a violência aparece em primeiro plano. Esses abusos são tão importantes quanto os outros dos quais pretendo falar e se em algum momento você o vivenciou quero que saiba que eu me solidarizo com sua causa e lamento profundamente.

O que fazer quando percebemos que vivemos uma relação sexual com outra mulher em que não estávamos de pleno acordo? Que não consentimos? É comum já sairmos dessas situações com a cabeça confusa e um profundo mal-estar. Mas, também é comum só realizar o abuso tempos depois conversando com amigas ou companheiras a respeito do ocorrido. Como lidar?

Nós sempre teremos a opção de anular aquela mulher de nossas vidas. Nós **não** somos obrigadas a conviver com ninguém que tenha nos causado dor, direta ou indiretamente ou que tenha faltado com empatia rompendo o nosso direito ao nosso próprio corpo. Entretanto, também aproveito para afirmar que nós não temos o direito de expor essa mulher para o mundo enquanto abusadora, isso seria perpetrar contra ela uma nova violência. Creio que não seja necessário discutir aqui o mal uso da ferramenta de escracho entre mulheres lésbicas. Ninguém tem a ganhar com a perpetuação do mito da “lésbica abusiva predadora”, nem vítima, nem abusadora, muito menos a comunidade como um todo. Essa discussão entretanto deve ser feita e eu a deixo para um outro momento.

Bom, voltando ao que podemos fazer... podemos nos afastar dessa mulher e ter conversas conscientes com as pessoas que amamos e confiamos para processar aquilo da melhor forma possível para **NÓS**. Priorizando nosso bem-estar emocional. Esse é um caminho legítimo. E eu algumas vezes o tomei. Porém, **considero outra possibilidade:**

conversar com essa mulher.

Repito, digo isso como possibilidade! Tenho plena consciência de que não podemos colocar o diálogo sobre o abuso como *modus operandi* universal. Haverá casos em que ele será prolífico, haverá casos em que ele nem deveria ser cogitado. Essa possibilidade me ocorre porque muitos dos abusos que vivi e que vivenciei na vida das outras mulheres ocorreram por falta de comunicação anterior - e resquícios de falta de empatia, claro.

Nos casos em que me atingiram diretamente eu conversei com essas mulheres. As chamei, sentei diante delas e disse “Lembra aquela noite? Aquela em que aconteceu isso e isso? Então, naquela noite eu **NÃO** havia consentido. Eu estava dormindo” ou “Eu transei com você por que me senti pressionada” ou “Eu não queria ter feito daquela maneira”. Depois disso é estabelecido um espaço para a fala. Para a problematização. Para a construção. Evita-se que seja atormentada pelo fantasma de uma vivência sexual traumática. A partir daí, todo o diálogo que foi negado antes ganha o centro do palco.

Existem feridas que nunca vão se curar. Entretanto, falar sobre isso pode, em alguns casos, levar ambas as mulheres a compreensões melhores e maiores do que ocorreu entre elas. Pode permitir o acesso a subjetividade da outra que foi negado outrora. Nos meus casos tive experiências múltiplas, já ocorreu de após o confronto com a mulher que havia abusado de mim ela se abrir e me acolher dizendo: “Eu não percebi isso no momento. Fiz um mal julgamento da situação. Me desculpe, eu errei, me perdoa?”, possibilitando uma conversa sobre consentimento na qual operou uma transformação pessoal de ambas em relação

ao sexo, de maneira crítica e compromissada socialmente.

Nem tudo são flores, também já me ocorreu de a mulher em questão agir exatamente como os advogados de homens acusados de estupro me dizendo: “Você queria! Você desejava! Suas atitudes me diziam isso! Você disse que não queria mas suas atitudes diziam outra coisa! As palavras são subjetivas e eu compreendi outra coisa do que você disse. Eu não tenho culpa”. Nesse caso eu não preciso dizer que a situação só deixou mais claro como não havia como manter essa mulher na minha vida. E é bem verdade que eu me senti violentada pela segunda vez quando conversamos, sua conversa teve efeito de *gas lighting* na minha cabeça e foi difícil segurar as pontas. Mas, através da conversa, a verdade - tanto sobre mim quanto sobre ela - foi revelada. Não deixando margens para interpretações ou traumas.

Por vezes, muitas vezes, o abuso acontece entre companheiras. Entre mulheres que se relacionam de forma estável e tem bons relacionamentos em linhas gerais. Isso acontece por inúmeros motivos, mas para analisar tais situações devemos lembrar que mulheres são criadas para satisfazer o desejo do outro dentro de um namoro/casamento. Criadas para nunca negar sexo para aquele com o qual desenvolve um relacionamento afetivo. Para além disso, é bem verdade que muitas de nós introjetaram o mito heterossexual falacioso de que uma relação amorosa vai bem quando a vida sexual está ativa.

Creio que em muitos dos casos os abusos poderiam ser evitados se falássemos

para nossas companheiras coisas simples como:

“Nunca transe comigo sem vontade própria. Eu só quero fazer amor com você se for de seu pleno desejo”

Se você nunca disse isso para sua companheira, fale hoje.

Nesses casos, de abuso entre companheiras, eu aconselharia ainda mais fortemente que se conversasse sobre o(s) abuso(s) em questão. Afinal, você abriu sua vida para essa pessoa durante um período, você a escolheu para expor sua subjetividade, ter essa conversa com ela te ajudará a entender a si mesma e ser capaz de responder de vez: eu quero ou não quero continuar nessa relação?

“abusiva” ela é?

É necessário contextualizar e compreender os efeitos de nossas palavras. Fornecer a carteirinha de abusadora para qualquer mulher é ostracizá-la e resumir sua existência há um, dois ou três atos. Ao fazê-lo abrimos mão do compromisso de revolução social e irmandade que temos com nós mesmas. Perdemos a oportunidade de discutir problemas coletivos para reduzi-los a uma indivíduo categorizada como problemática.

Agora, você pode me perguntar, porque fazemos exatamente isso com homens? Porque homens são construídos socialmente enquanto nossos abusadores. Todas as estruturas sociais os direcionam para a compreensão do corpo da mulher enquanto sua propriedade e da necessidade de satisfazer

seus desejos ao impor sua vontade sexual a qualquer custo sobre nós.

Pensando em uma comparação no sentido de facilitar a compreensão, essa construção social masculina seria algo que se assemelha a construção social das mulheres brancas. Haja visto que no contexto escravocrata brasileiro a mulher negra é entendida como a responsável por servir a “patroa branca”, mesmo quando ela não possui patroa e mesmo quando o trabalho dela não é de doméstica. Esse papel a persegue ao ponto de qualquer mulher branca que orbitar a sua vida ter o poder - literalmente - de reduzi-la a isso. Isso é abusivo. Nestes casos, em que há um relação de poder, a *identidade homem* significa uma identidade abusiva sobre a *identidade mulher* e a *identidade branca* uma identidade abusiva sobre a *identidade negra*.

Considerando esta digressão, ao meu ver, os rótulos para “pessoas abusivas” devem ser resguardados a situações como tais, pois de fato nessas situações desempenhar aquele abuso fez parte da marca de construção da identidade do indivíduo. O homem é construído em contraponto a mulher em uma sociedade misógina. A branca em contraponto a negra em uma sociedade racista. A rica em contraponto a pobre em uma sociedade de classes. Quando um homem abusa sexualmente de uma mulher ele o fez baseado no princípio de que possuía esse direito, dada sua “natureza” masculina.

Devemos resguardar este termo para esses quadros em que o abuso é configurado pelas estruturas de opressão e pela gama complexa de símbolos sociais, não fazer uso de forma reducionista as ações específicas. De fato para um homem-rico-branco “ser

abusivo” é parte fundante de sua Identidade em muitos aspectos. Deve haver um trabalho intenso - e possível, diga-se de passagem - de desconstrução para que mude-se o cenário

Você ainda pode me perguntar: e se essa mulher tiver um longo histórico de abusos sexuais? Não cabe chama-la de abusiva? Continuo sustentando que seria um mal uso sem tamanho do termo, podemos descrevê-la exatamente da forma que ela é “*uma mulher com um longo histórico de abusos sexuais*”. Precisamos parar de buscar termos para economizar saliva, é mais importante a coerência da fala do que a facilidade de expulsá-la da boca, especialmente quando nossas palavras serão responsáveis por definir a vida de outra mulher.

“abusiva” fui eu

Apontaram que cometi um abuso,
e agora?

Se em algum momento da sua vida futura alguma mulher lhe comunicar que o sexo entre vocês não foi consensual, não haja precipitadamente. Se você é um ser humano que presta, eu acredito que provavelmente você nem sabia que havia possibilidade de tal fato. Te dou um voto de confiança e acredito que você jamais teria continuado se tivesse realizado que não havia consentimento. De qualquer forma, o fato é que: o abuso rolou. Se os fatos são reais, se vocês tiveram algum envolvimento sexual:

- (1) Não questione a vítima
- (2) Mantenha a voz calma e baixa
- (3) Tente não reagir imediatamente, em silêncio pense em cada palavra. Só diga

o que precisa ser dito, essa mulher se lembrará dessa conversa para sempre.

- (4) Não tente se justificar, não há justificativas para o injustificável
- (5) Peça desculpas sinceras, se coloque realmente no lugar dela
- (6) Não termine a conversa até compreender os sentimentos dessa mulher
- (7) Converse sobre os caminhos que a levaram a tratar o assunto contigo dessa maneira
- (8) Se reveja. Não se martirize. O martírio não ajuda ninguém e não mudará o passado.
- (9) Evite publicizar o assunto, converse sobre só com pessoas de extrema razoabilidade e confiança. Nós só temos a perder com a publicização de nossa intimidade, quer sejamos vítimas quer sejamos protagonistas do abuso.

estupro

A leitora deve ter notado que em momento algum dessa publicação eu me referi ao “abuso sexual” entre mulheres como “estupro”. Não o faço porque acredito que usar a categoria para se referir aos abusos entre mulheres seria um descabido mal uso do termo que enfraqueceria demandas históricas por nós colocadas.

Acredito que só homens cometem estupro. Ao desvincular esse termo da masculinidade nos levaríamos a esquecer que os abusos sexuais em sua grande maioria ocorrem pautados na manifestação da força e supremacia masculina, com o objetivo de controlar nossos corpos e de subjuga-lo a destinação reprodutiva contra nossa vontade. Não há melhor exemplo disso do que o chamado “*estupro corretivo*” que visa re-

conduzir mulheres lésbicas ao suposto ciclo “natural” heterossexual da vida.

Estupros são resultado direto de uma organização econômica que nos explora e nos oprime. Não quero também dizer que há um menor e outro maior, de maior ou menor gravidade. Tanto o abuso quanto o estupro tem impactos nocivos em nossas vidas. Mas as formas de lidar com ambos são completamente distintas. Eu me recuso a lidar com qualquer mulher lésbica da mesma forma que lidaria com um homem, não há simetria entre eles e qualquer comparação é um falso-cognato.

ménage à 3, à 4, à 5...

Mulheres lésbicas são por vezes reconhecidas como aquele grupo social mais revolucionário, as descontraídas e desconstruídas que venceram todos os paradigmas da liberdade sexual. Elas lidam bem com a nudez e com o ciúmes, elas estão em vias de abolir o amor romântico. São as mais livres. Libertas. Emancipadas. Revolucionárias. A vanguarda! Não-monogâmicas. O futuro será feminista e sapatão! Elas são maravilhosas porque romperam com todos padrões de beleza e inventaram uma linguagem estética só pra si.

Esse é o clima que paira nas minhas vivências lésbicas coletivas. Eu compreendo que é uma vivência localizada geograficamente, economicamente e socialmente. Longe de mim lançar aqui uma concepção única de vivência lesbiana, reconheço também que essa é uma vivência privilegiada. Mas acredito que é uma vivência compartilhada por muitas das leitoras dessa publicação, em maior ou menor grau. Desejo com a exposição dessa vivência falar sobre

consentimento em um momento sexual muito específico, aquele em que o ato sexual abre margem para a existência de mais do que duas protagonistas.

Nesse clima de desconstrução sempre me pego vivendo momentos em que o desejo é ampliado e alimentado em coletiva. Momentos os quais várias mulheres percebem-se interessadas todas umas pelas outras. Pode chamar isso do quiser: *ménage à trois*, suruba, sexo em grupo, sexão ou bacanal. O fato é que se pouco conversamos sobre o sexo à duas, imagine sobre o sexo em grupo. Esses contextos de, digamos... extrema libertinagem sexual - sem nenhum julgo moral - podem ser extremamente abusivos na medida em que tem o potencial de constranger as mulheres que neles estão envolvidas a transar sem nenhuma vontade própria anterior.

O sexo em grupo é uma fantasia imposta no imaginário sexual de muitas de nós. Perguntamos muitas vezes para nossas amigas “*Você já transou com mais de uma pessoa?*”. Esse estigma coopera para a hipervalorização de uma experiência sexual que pode ser cheia de lacunas. Essas lacunas existem porque sexo foi condenado a um lugar perigoso e controlado dentro de nossa subjetividade enquanto mulheres, ele se tornou essa coisa sensível e mal resumida para muitas de nós. E isso não foi feito a toa, fomos desprovidas de nosso desejo para que ele fosse instrumentalizado pelos homens em prol de um determinado sistema econômico e funcionamento social.

Eu não defendo que paremos de fazer *ménage*. Eu apenas peço, será que poderíamos ter a ousadia coerente de conversar sobre, antes de levar tudo a cabo?

Será que podemos entrar em um sexo em grupo com a certeza do que aquilo significa para cada uma das mulheres participantes? Será que podemos ficar mais molhadas com o desempenho livre da liberdade plena da outra do que com a realização de nossos desejos? Isso seria uma verdadeira suruba lesbiana. Com ela eu me alegraria imensamente.

Se você possui alguma fantasia sexual sobre a qual não conseguiria/ poderia/deveria falar sobre, ela não é uma fantasia. Ela é seu desejo imposto na vida de outra mulher.



COM SENTIR-SE

! goze !

! o sexo !

! no diálogo !

! da palavra !

é preciso **dizer** o

() sim

tanto quanto o

() não

NÃO-MULHER:

sujeita que à
princípio têm tudo
pra ser submissa
Pega tudo isso que
têm e joga fora
Escolhe ser outra
coisa.

Sobra-lhe nada.
Mas, é feliz
quando encontra
outra que fez o
mesmo

Este zine falou ao seu coração?
Você possui histórias para compartilhar? Envie um e-mail para Safo. Ela adorará dialogar sobre esta produção e obter outros pontos de vista.

Se desejar uma cópia impressa desta edição utilize o mesmo canal.

Entre em contato com Safo
ilhadelesbos@riseup.net

Este zine é da autoria de Safo.

Desenho na página 3,
De Dioniso

Gravuras do Manifesto,
de Maria Sibylla Merian

Da página 9, Jan
(@furiosaarte).

Co-Edição por
Heretika Editora Lésbica
Independente

heretika@riseup.net
<http://heresialesbica.noblogs.org>

Co-produção COMITÊ PERMANETE,
Um comitê autônomo afetivo estético
artístico que acredita na emancipação
pelos formas coletivas e pessoais de
existência, através da arte e da sabotagem do Estado.



COPYLEFT, todo conteúdo pode e
dever ser xereca-copiado, desde
que mantida suas fontes



MANIFESTO POR UM SEXO NÃO FASCISTA

EU, _____, lésbica feminista anti-capitalista, me comprometo a não colocar meu gozo acima da subjetividade das mulheres. Meu gozo só virá em consentimento e diálogo com o gozo da outra.

O sexo não será mais ser esse local palco da realização dos desejos a todo custo, da auto satisfação. Não por motivos moralizantes e tradicionais, mas pelo simples fato de que essa concepção é profundamente misógina e limitadora. Qualquer liberdade atingida através dela será efêmera e me condenará a jamais romper com a regência masculina em minha subjetividade e no desempenho de nossa sexualidade.

Se eu desejar transar com as mulheres eu conversarei e cuidarei delas.
Não há sexo sem cuidado mutuo.

Assumo que o sexo é uma troca de subjetividades e
que cada mulher é um mundo.

Declaro o compromisso de acessar as mulheres com palavras,
antes de acessá-las com as mãos.

